

**“Um educandário para a formação religiosa da mocidade feminina”:****Colégio Santa Bernadete em Amargosa – BA (1953-1973)****MIGUEL JOSE DA SILVA<sup>1</sup>**

A partir do estudo contextualizado sobre a formação de professoras no Colégio Santa Bernadete de Amargosa, Bahia, entre 1953 e 1973, período no qual funcionou o curso pedagógico, também chamado de normal ou magistério, no referido colégio, pretendemos, identificar quais as concepções, os valores religiosos e os saberes culturais, como foram transmitidos, construídos e transformados através das práticas pedagógicas.

O título desse trabalho origina-se do registro manuscrito feito pelo bispo de Amargosa, Dom Florêncio Sisínio Vieira, o qual articula com grupos dirigentes, que constituem a elite política e econômica da cidade e defende a necessidade da implantação de uma escola feminina na sede daquela diocese. Tratava-se de uma instituição educativa, que nas palavras utilizadas pelo bispo, deveria ter como missão a “formação religiosa da mocidade” e seria dirigida por uma congregação religiosa feminina francesa – Congregação das Religiosas do Santíssimo Sacramento (Religiosas Sacramentinas). A partir dessas relações estabelecidas entre escola e religião, buscamos compreender aspectos dessa formação oferecida às alunas, os valores da moral que foram mais trabalhados dentro e fora do espaço físico da escola, os paradigmas apreendidos e elaborados, e de quais maneiras essa educação cristã foi conduzida.

Como a temática aborda uma história recente e, levando-se em conta a precariedade de arquivos organizados com a documentação seriada da referida instituição, utilizamos entre outras fontes, também dos recursos da metodologia da história oral, para produzir fontes orais a partir de depoimentos de ex-professoras e ex-alunas. Fazemos leituras, problematização e análises de: documentos institucionais encontrados no arquivo do colégio, livro de tomo da diocese de Amargosa, livros de ata da associação de pais e mestres, correspondências expedidas e recebidas pelo colégio; registros sobre o cotidiano do colégio, fotografias cedidas por ex-alunas, cadernos, livros de recordações e de poesias escritas por ex-alunas.

---

<sup>1</sup>Mestrando do programa de Pós-Graduação em História Regional e Local (PPGHIS), UNEB, Campus V. Bolsista DS CAPES – Orientador: Dr. Gilmário Moreira Brito.

Ao abordarmos as concepções, valores e saberes que fizeram parte do processo educativo de formação das professoras do Colégio Santa Bernadete, fazemos referência à cultura escolar que se manifesta, na concepção do historiador francês, Dominique Julia, através de “[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos [...]” (JULIA, 2001, p. 10). Estas normas e práticas estão sempre em consonância com as finalidades sociopolíticas e religiosas vigentes, que estão em permanente processo de mudança.

E ao utilizarmos o conceito de cultura escolar devemos observar a complexidade e a densidade subjacentes, pois ela não se restringe apenas à transmissão de conhecimentos ou reprodução dos valores e comportamentos políticos, sociais, religiosos, etc, mas também, à escola como espaço criador de uma cultura peculiar, por intermédio dos encontros e desencontros, das aceitações e dos questionamentos dos sujeitos que constituem a instituição escolar.

A cultura escolar é marcada por instabilidade, pois ela é construída na escola e se espalha através dela, em meio aos múltiplos espaços e na vivência e convivência dos sujeitos na pluralidade de tempos. Ela é marcada por conflitos e tensões entre os inúmeros grupos que formam o cotidiano escolar, com diferentes expectativas sobre a própria função social da escola e nas variadas relações de poder estabelecidas dentro e fora do ambiente escolar.

Amargosa, em meados do século XX, era um município predominantemente rural, socioeconomicamente firmado na cultura do café e do fumo, produtos mais voltados para a exportação, e em menor escala, desenvolvia culturas de subsistência e cultivava mandioca e cana-de-açúcar concomitante a atividade pecuária. Conforme dados do IBGE, os Censos de 1950 e 1960<sup>2</sup> apontam que menos de 1/5 da população residia na cidade. Esse contexto rural com uma estrutura familiar patriarcal, permeada por relações de compadrio que surgiam a partir do apadrinhamento de batizados e casamentos, bem como pelos laços de parentesco, além das relações estabelecidas a partir das condições de trabalho, sejam entre fazendeiros e

---

<sup>2</sup> População do município de Amargosa conforme Censo de 1950: 27.362 habitantes, sendo que na sede do município residiam 4.744 pessoas; de acordo o Censo de 1960, o número de habitantes aumentou para 31.040, destes, apenas 6.059 residiam na zona urbana. In [www.biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/.../CD1950/CD\\_1950](http://www.biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/.../CD1950/CD_1950) e [CD1960/CD-1960](http://www.biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/.../CD1960/CD-1960).

meeiros<sup>3</sup> ou diaristas, bem como entre os pequenos agricultores, irradiava preceitos culturais, morais e religiosos no cotidiano da cidade de Amargosa.

Ao falarmos da presença da igreja católica no município de Amargosa, faz-se necessário salientar que em meados dos anos sessenta do século passado, a paróquia de Nossa Senhora do Bom Conselho de Amargosa continha na zona urbana, apenas dois templos: a catedral – sede de diocese - e uma capela dedicada a São Roque. Na zona rural existiam quatro capelas na área do município<sup>4</sup>, nas localidades de Corta-Mão, Corrente, Cavaco e São Roque. Muitos fiéis que residiam na zona rural se dirigiam para a sede do município com a finalidade de assistir as celebrações religiosas, sobretudo na quarta-feira de cinzas, no domingo de ramos, quinta e sexta-feira do tríduo pascal.<sup>5</sup> Outro momento que havia uma considerável participação de pessoas da zona rural era na missa da primeira sexta-feira de cada mês, em louvor ao Coração de Jesus, sustentada pela associação do Apostolado da Oração.<sup>6</sup>

Essa participação popular nas celebrações como a da quarta-feira de cinzas, que marca o início da quaresma, que é um período penitencial; dos atos litúrgicos da “semana-santa”, sobretudo as celebrações da paixão e morte de Jesus; e a devoção ao “coração traspassado” de Jesus, celebrada na primeira sexta-feira de cada mês, aponta uma espiritualidade ou devoção atrelada ao sofrimento, e uma aceitação das dores “espirituais, morais e físicas”. Isso se confirma com uma expressão comumente utilizada por algumas pessoas mais idosas de Amargosa, ao falarem sobre os sofrimentos e as dificuldades que enfrentam: “mais sofreu Jesus por nós!”.

O Colégio Santa Bernadete, dirigido por religiosas católicas também alimentava essa espiritualidade de resignação, de obediência, cumprindo assim um papel proeminente na educação das meninas, dentro dos padrões moralistas de conduta, em consonância com os projetos da própria igreja católica de conter os avanços inerentes ao processo de urbanização. Um dado importante no contexto dessa pesquisa é que a grande maioria das alunas que

<sup>3</sup> Meeiro - Aquele que planta em terreno alheio, repartindo o resultado das plantações com o dono das terras.

<sup>4</sup> Existiam ainda duas capelas na cidade de Amargosa, de uso mais restrito: a do Seminário Diocesano e a do Colégio Santa Bernadete.

<sup>5</sup> A Semana-Santa conforme o calendário litúrgico inicia-se com a celebração do domingo de ramos e encerra-se com o tríduo pascal, quando a Igreja rememora a paixão morte e ressurreição de Jesus.

<sup>6</sup> Apostolado da Oração – é uma associação internacional de fiéis leigos, fundada pelos padres jesuítas, na França, em 1884, que tem por finalidade fomentar a espiritualidade a partir da contemplação e meditação do traspassado Coração de Jesus e também ajudar nas atividades missionárias da Igreja.

estudavam no colégio das sacramentinas em Amargosa procedia de famílias que habitavam e ou habitaram em fazendas.

Sobre essas ideias conservadoras da igreja no Brasil de não ver com bons olhos o desenvolvimento urbano Riolando Azzi assinala: “as freiras continuavam a reproduzir em seus colégios os padrões da mentalidade rural, entrando em choque frequente com os novos hábitos de conduta urbana” (AZZI, 2008, p.139)

Nesse sentido, o discurso da igreja católica reforçava os valores da tradição rural, da manutenção dos costumes e dos preceitos de fé, seguindo o raciocínio de Azzi, “havia um descrédito generalizado por parte da hierarquia eclesiástica com relação ao progresso industrial, à evolução científica e à urbanização progressiva.” É no contexto de marcante presença das raízes rurais, que se fazia acompanhar mentalidade patriarcal é que o Colégio Santa Bernadete desenvolvia as suas atividades de formação pedagógica daquelas jovens. A professora Sizinia Vieira afirma que a educação oferecida pelo colégio era voltada para: “modelo de mulher cristã, preocupada com a família, com filhos e com marido, era uma formação para família e formação religiosa, não era só conteúdo.” (VIEIRA, 2003)

As atividades educacionais desse estabelecimento de ensino, em muitas ocasiões envolviam as educandas em um ambiente de religiosidade e espiritualidade. Havia uma preocupação com a formação espiritual das alunas, por exemplo: todo início de ano existia um retiro espiritual de três dias.

Durante os três dias de retiro, as aulas eram suspensas e todas as alunas iam para o colégio ouvir palestras relacionadas à vida cristã, feitas normalmente pelo padre capelão do colégio, por um padre da paróquia de Amargosa, ou mesmo, pelo bispo diocesano. Depois dessas palestras as alunas se espalhavam pelos corredores do colégio e ocupavam também a grande área do pátio para de forma individualizada fazerem a leitura e meditação de algum texto bíblico, orientado pelo pregador do retiro. Existiam alguns momentos de orações em grupo, normalmente a oração do terço. Eram três dias de muito silêncio para favorecer a reflexão, para um bom “exame da consciência”, a partir do qual as meninas pudessem reconhecer as culpas e assim, arrependidas das coisas erradas que fizeram e da omissão em relação à prática do bem, buscarem o perdão de Deus e da Igreja, através do sacramento da penitência. Eram orientadas pelos confessores a fazerem orações ou alguma ação caritativa como reparação dos pecados cometidos, acompanhados do propósito de melhorar as atitudes.

Além desses retiros anuais, dentro do projeto de formação da mulher cristã, existiam os momentos diários de orações, por exemplo, no início da primeira aula era rezada uma oração de consagração à Nossa Senhora e a oração da ave-maria, e no início de cada aula era proclamado, por mestra (e) e alunas: “meu Deus é para vos agradar que vamos começar a nossa aula, dignai-vos abençoar-nos, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém!”. Podemos deduzir que quase todas as atividades realizadas naquela instituição de ensino até mesmo os pensamentos das educandas deveriam ser norteados por luzes e forças espirituais, mas essas atividades religiosas, na prática, muitas vezes não passavam de um ritualismo, em que as alunas cumpriam aqueles atos de devoção porque eram obrigadas, sem uma atenção maior ao significado daquilo que participavam.

Na oração de consagração à Nossa Senhora há uma expressão de doação, em que logo no início se afirma: “...eu me ofereço todo a vós”, que é um texto similar à narrativa referente à Maria, quando aceita a ser mãe de Jesus: “Eis a escrava do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra. A repetição dessa oração, muitas vezes feita de forma mecânica, deveria afeiçoar aquelas jovens à condição de servas, fazendo uma consagração do corpo e da alma: “vos consagro neste dia meus olhos, meus ouvidos, minha boca, meu coração e inteiramente todo o meu ser...” E essa oração é concluída com um pedido de proteção acompanhado de um processo que chamamos de “coisificação”, de aniquilamento da própria identidade: “... guardai-me e defendei-me como coisa e propriedade vossa.”.

Ao final do dia letivo, rezava-se a oração do “Ângelus”, a qual é uma oração que retomando os textos bíblicos se recorda o mistério da encarnação do verbo. Isto é, segundo a tradição bíblico-cristã, Deus assume a condição humana com a encarnação da palavra presente na criação do mundo, o Jesus de Nazaré, e para tal feito, a divindade contou com o “sim” de Maria, a “Serva do Senhor”.

A cobrança das irmãs sacramentinas para que as alunas participassem desses vários momentos de orações atendia as orientações da igreja católica sobre o dever dos fiéis em colocar-se em constante atitude de agradecimento pela “graças alcançadas”, de pedido de perdão pelos pecados cometidos e de escuta dos desígnios de Deus, através da meditação. Muitas vezes a igreja exigia, e continua exigindo, dos fiéis leigos uma dedicação às causas espirituais baseada no “tempo livre” dos padres e das freiras.

O exemplo feminino a ser buscado por aquelas alunas era o de Nossa Senhora, mãe de Jesus. Maria era apresentada como modelo para a vida daquelas jovens. A abnegação, a

pureza, a doação, a caridade e a benevolência de Maria serviam como exemplos para que elas amoldassem suas vidas.

A ex-aluna Jocely Espírito Santo, que concluiu o curso pedagógico em 1971, portanto aluna da antepenúltima turma do colégio Santa Bernadete, relembra:

[...] o amor a Nossa Senhora então, elas [*as freiras sacramentinas*] tinham muita coisa com Nossa Senhora e esse carisma delas passava para a gente. Para mim ficaram muitas coisas, entre elas a caridade, eu achei muito importante que até hoje eu trago na minha vida que, às vezes, o meu marido diz assim, você parece com Irmã Dulce porque se você pudesse você tirava a sua roupa pra dar, mas foi isso que aprendi, eu aprendi na escola a ser caridosa. (ESPÍRITO SANTO, 2012)

Consideramos que inicialmente a depoente exprime um estranhamento em relação à quantidade de ações que as irmãs devotavam a Nossa Senhora. Continuando há o relato das marcas profundas daquela presença religiosa, sobretudo da prática da caridade. Entre as obras de caridade da tradição cristã encontram-se: dar comida aos famintos; doar roupas e aos pobres; visitar os enfermos; dar proteção às crianças e aos idosos, etc. Esse exercício da caridade, que era aconselhado nas pregações e evidenciado nos catecismos e nos livros de vida dos santos, se impunha para a depoente como uma obrigação em decorrência da orientação e do testemunho religiosos que recebera.

A imagem apresentada em seguida, uma das páginas do convite de formatura da turma de 1958, revela o quanto o símbolo da Virgem Maria representava na vida daquelas jovens, motivando a turma que concluiu o curso pedagógico naquele ano, a fazer uma “Homenagem Especial” a Nossa Senhora de Lourdes. Nessa linha de devoção mariana a turma de professorandas do ano de 1960, semelhantemente elegeu Nossa Senhora da Conceição como “Paraninfa de Honra” da formatura do curso pedagógico.

Figura 1 – Convite de formatura da turma de 1958



A figura acima é um texto imagético que possibilita abrir exercícios de interpretação histórica. Porém é necessário apresentar pistas sobre o contexto, conforme a tradição católica houve uma aparição da Virgem Maria à jovem Bernadete<sup>7</sup>, entre fevereiro e julho de 1858, numa área campestre próxima ao vilarejo de Lourdes, na França. Num ambiente escuro e pedregoso, que simboliza medo e insegurança além de sofrimento e dificuldades, aparece em meio a um clarão uma senhora com o olhar voltado para o infinito e com um terço pendurado no braço, de mãos-postas, o que indica atitude de oração. Sobre a cabeça dessa senhora aparece a expressão, em forma de uma auréola: “Je suis L’Immaculée Conception” (Eu sou a Imaculada Conceição).<sup>8</sup> A jovem Bernadete demonstra-se encantada e coloca-se de joelhos com as mãos estendidas em sinal de veneração e ao mesmo tempo de disponibilidade.

A utilização da imagem de Nossa Senhora em espaços da escola, os vários momentos das reflexões e orações dedicadas a Maria, mãe de Jesus, tinham como objetivo apresentar àquelas jovens um ideal de mulher. A Imaculada Conceição era o modelo de pureza, virgindade, humildade e disponibilidade que deveria ser observado e seguido. Essa formação religiosa, com uma espiritualidade alicerçada na ética da renúncia e do sacrifício, contribuiu para formatar a identidade, para construir o caráter daquelas jovens, correspondendo aos princípios da igreja.

O mês de maio era repleto de significados e celebrações, onde se destacava a figura feminina: mês de Maria (mãe de Jesus); mês das noivas; mês das mães. Não obstante, o tema “mês mariano” não pertencer ao calendário litúrgico oficial da igreja católica, a mesma aproveitava as manifestações da tradição popular para catequisar, fazendo um enaltecimento das virtudes da Virgem Maria, a mãe de Jesus. As celebrações e comemorações marianas, realizadas durante trinta dias, com toda reverência à pessoa de Maria, eram formas de apresentá-la como modelo de mulher para as alunas. E aquela escola católica responsável pela educação feminina apresentava essas concepções religiosas e morais, edificando assim um ideal feminino de submissão, de modéstia e pureza necessárias para a nobre missão da maternidade.

O Colégio Santa Bernadete, no mês de maio, voltava-se para as comemorações e devoções marianas. Existia em cada sala de aula uma imagem da Virgem Maria, em torno da

---

<sup>7</sup>Bernadete Soubirous foi canonizada em 8 de Dezembro de 1933, festa da Imaculada Conceição, pelo Papa Pio XI como Santa Bernadete de Lourdes.

<sup>8</sup> É importante ressaltar que a igreja católica proclamara, quatro anos antes dessas aparições em Lourdes, em 08 de dezembro de 1854, o dogma de fé da Imaculada Conceição, exaltando a concepção virginal de Maria.

qual eram feitas diariamente, no início das aulas, orações acompanhadas de cantos, ensaiados em turno oposto às aulas. Além dessas atividades religiosas feitas no recinto escolar, as alunas eram incentivadas a participar das celebrações do mês mariano na igreja catedral da cidade.

A memória da ex-aluna Marinalva Bulhões recupera aspectos importantes da vivência das alunas durante o mês de maio:

“[...] todos os 31 dias do mês de maio, nós tínhamos participação no colégio e na igreja. No colégio todas nós tínhamos em cada sala a imagem de Nossa Senhora e cada grupo era responsável para colocar, arrumar, enfeitar e rezar com as demais colegas no mês de Maria.”(BULHÕES, 2012)

Além da devoção mariana, dentro do projeto de formação da mulher cristã das irmãs sacramentinas, estava a adoração à eucaristia. A eucaristia é um dos sacramentos da igreja católica, que segundo a sua teologia, significa o memorial da paixão, morte e ressurreição de Jesus, portanto, é a celebração da páscoa cristã, onde o cordeiro sacrificado é o próprio Jesus de Nazaré, que celebra uma refeição, uma ceia com seus discípulos antes de sua morte, fazendo a entrega de si mesmo e solicitando a celebração em sua memória, conforme o texto bíblico: “Isto é o meu corpo, que é dado por vocês. Façamos em memória de mim.”(BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1981. p.1373).

Em cada eucaristia ou missa, como é ordinariamente chamada, há a consagração do pão e do vinho. Desse pão consagrado, chamado de hóstia, uma parte é distribuída aos fiéis na própria celebração e outra parte é guardada num espaço chamado de sacrário. Essas hóstias seriam guardadas para a distribuição entre os fiéis enfermos que não podiam participar da missa. Essa ação de levar a comunhão para os enfermos é chamada de viático. Além disso, numa tradição da igreja, foram criados momentos de silêncio e de oração diante do sacrário, de adoração ao “santíssimo sacramento”.

Figura 2 - Celebração da missa na capela do Colégio Santa Bernadete 1966





Essa fotografia, ao que tudo indica, seja do momento da consagração eucarística, pois observamos que as alunas estão ajoelhadas, com exceção de uma aluna e uma freira, as mãos unidas expressando recolhimento e a maioria concentrada com o olhar voltado para o altar, todos esses gestos revelam uma atitude de respeito e adoração. Na celebração das missas os fieis têm uma atitude passiva, a maior parte do tempo assistindo e ouvindo, a não ser nos momentos apropriados de aclamações e de algumas respostas já programadas para a assembleia e nos momentos dos cantos. E para o momento da consagração do pão e do vinho, deveria haver um silêncio profundo, às vezes esse silêncio era mais intenso do que o observado por ocasião da proclamação dos textos bíblicos na própria missa.

Continuando a análise da fotografia, observamos que na parede lateral estavam pendurados quadros da via-sacra, isto é, são imagens que apresentam etapas percorridas por Jesus no caminho do calvário, que vai da condenação à morte até o seu sepultamento. Depois dos bancos, junto à parede lateral existe uma imagem ornamentada com flores, ao que parece ser do “Coração de Jesus”. Os quadros e a imagem reforçam a ideia da fé vinculada ao sacrifício, é também o estímulo a uma espiritualidade de resignação, de aceitação, e obediência. Destacamos ainda a presença de uma religiosa sacramentina, que permanece de pé e com o olhar não voltado para o altar, numa demonstração de que está ali para vigiar as jovens naquela celebração. Notamos ainda que as alunas usavam um traje especial de festa, com blusas brancas de manga longa, saias cobrindo o joelho, sapatos pretos, meias brancas e o véu na cor preta.

Quanto à utilização do véu, podemos notar que ainda era uma exigência da igreja, no contexto dos anos 1950 a 1970, para as mulheres, como sinal de submissão, inspirada no texto bíblico, conforme os costumes da época, o apóstolo Paulo escreve à comunidade de Corinto, sinalizando algumas normas para a boa ordem nas celebrações das assembleias cristãs:

[...] toda mulher que ore ou profetize com a cabeça descoberta, desonra sua cabeça... Quanto ao homem, não deve cobrir a cabeça, porque é imagem e a glória de Deus; mas mulher é a glória do homem... Sendo assim, a mulher deve trazer sobre a sua cabeça o sinal de sua dependência. (BÍBLIA DE JERUSALEM, 1981. p.1500)

Sem a pretensão de fazer uma exegese do texto bíblico supracitado, observamos as marcas de um “androcentrismo”, ou seja, ideias centradas na figura do homem como sexo masculino, e essas são ideias que influenciaram e influenciam a literatura teológica cristã católica. O uso do véu pelas mulheres como sinal de obediência, de pureza, de docilidade é

analisado por Michelle Perrot, quando expressa: “o véu reveste-se de significações múltiplas, religiosas e civis... Ele é sinal de dependência, de pudor, de honra”.(PERROT, 2007. p.56)

A formação moral e religiosa das Irmãs, naquele estabelecimento de ensino em Amargosa, estava em consonância com o projeto do episcopado brasileiro de fortalecimento da fé católica. Havia uma reflexão teológica defendendo a adoração à eucaristia e o culto à Maria como princípios substanciais da cultura brasileira. E entre os eventos programados pela igreja estavam os congressos eucarísticos, sejam eles diocesanos ou nacionais, que demonstrariam publicamente a força da igreja católica e ajudariam a combater o avanço das religiões protestantes.

A festa de Corpus Christi era de grande importância para as irmãs sacramentinas e para o colégio que elas dirigiam. Essa festa era precedida de uma grande preparação espiritual. As alunas eram conduzidas a vivenciarem a espiritualidade das freiras e eram devidamente preparadas para tal momento, com orientação para que buscassem o sacramento da penitência e pudessem participar da comunhão. Era uma festa que mobilizava todo o colégio, por ser um dos momentos de manifestação pública, e que servia para projetar e reforçar uma imagem positiva do colégio católico sobre a sociedade amargosense.

Todas as alunas do colégio, com exceção das que pertenciam à outra denominação religiosa ou que se encontravam doentes, eram convocadas a participar da missa na Catedral, marcando presença com a farda de gala, que era devidamente engomada para aquela festa. Havia uma rígida fiscalização na entrada do colégio, antes das alunas saírem para a Catedral, verificando o tamanho da saia, fazendo com que houvesse uma padronização, sugerindo harmonia, organização e beleza, que seria apreciada pela população, principalmente durante o préstito, desfilando pelas ruas da cidade, como lembra a ex-aluna, Noélia Passos:

Corpus Christi, que é o dia máximo das Sacramentinas, nós ficávamos no colégio, todo mundo de farda de gala e as irmãs vinham com um metro de madeira e batia assim “pá”, junto de cada uma para ver se tinha 20 cm do tornozelo para a saia e quem não tivesse, saía, não desfilava não, ainda tinha os seus castigos. (PASSOS, 2012)

Essa rigidez em relação ao vestuário demonstra a preocupação em manifestar publicamente a organização daquele estabelecimento de ensino, mas, também, revela uma estratégia que envolve questões de pureza, pois devia se esconder ao máximo o corpo. A exigência em relação ao tamanho da saia era uma maneira de controlar os

comportamentos, mostrando que o mais importante era a prática da virtude, os corpos são relativizados e deveriam se enquadrar aos padrões uniformizados.

Ainda como parte da formação da mulher cristã, normalmente no início das aulas, as(os) professoras(es) escreviam uma mensagem no quadro-negro. A fotografia abaixo revela uma dessas mensagens, a qual expressa o seguinte: “precisamos tomar conhecimento de nós mesmas em todos os momentos de nossa vida, considerar em tudo a finalidade da Pessoa Humana no corpo Jurídico e no Corpo Místico de Cristo”.

Figura 3- Sala de aula do Colégio Santa Bernadete- 1965



A finalidade da pessoa humana no “Corpo Jurídico” seria a o compromisso social, em outras palavras, o “civismo”, firmado no respeito e no fomento da justiça, da solidariedade e da dignidade da pessoa humana. Esse “civismo” seria como que uma resposta ao chamado para o exercício das virtudes, na defesa dos valores morais e deveria estar em sintonia e com a igreja católica. O “Corpo Místico de Cristo”, que representa a dimensão espiritual, exige dasfiéis alunas a comunhão, o envolvimento, o espírito missionário e obediência aos preceitos da própria igreja.

O texto imagético desta fotografia revela aspectos importantes da cultura escolar praticada no colégio das sacramentinas, na 3ª série do curso pedagógico, no ano de 1965. Nele destacamos inicialmente os sujeitos envolvidos nessa prática educativa. As freiras vestindo hábitos escuros que cobrem do o corpo e deixam visível apenas o rosto e as mãos, assumem o lugar de regência na classe formada por jovens do sexo feminino. As alunas com uniformes regulares compostos de saias escuras e compridas e blusas brancas de mangas curtas, meias brancas e sapatos pretos.

A cópia da mensagem exposta no quadro é feita pela grande maioria, destacando-se além do caderno, a existência de livros sobre as carteiras. Algumas demonstram uma curiosidade em relação à fotografia, desviando o olhar e atenção do que era explicado pela



freira. Observamos ainda os símbolos religiosos nessa sala de aula, no canto superior da fotografia encontramos a imagem de uma santa, enfeitada com um galho de flor no jarro e logo abaixo, ao que tudo indica, uma bíblia fechada.

Podemos deduzir a preocupação das religiosas sacramentinas em comunicar os princípios e valores morais e espirituais no processo de “formação religiosa da mocidade feminina”. Havia no Colégio Santa Bernadete uma intensa formação doutrinal que apontava a necessidade de uma vivência dos preceitos da igreja católica, orientando as alunas a fazerem uma autoavaliação ou, numa linguagem mais religiosa, a fazerem um exame de consciência para que assim as jovens pudessem encontrar o verdadeiro sentido para a vida.

## REFERÊNCIAS

A Bíblia de Jerusalém. Primeira Epístola aos Coríntios. Edições Paulinas, São Paulo, 1981.

AZZI, Riolando. História da Igreja no Brasil – terceira época – 1930-1964. Vozes, Petrópolis, 2008. p 139.

FERREIRA, A. B. H. Dicionário eletrônico 7.0 – Edição comemorativa 100 anos. Editora Positivo. Curitiba, 2010



JULIA, Dominique. A Cultura escolar como objeto histórico. In: Revista Brasileira de História da Educação. Campinas, SP: Editora Autores Associados, nº 1. jan/jun, 2001.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. Contexto, São Paulo, 2007. p 56.

### **FONTES ORAIS**

BULHÕES, Marinalva Barreto. Ex-aluna do Colégio Santa Bernadete. Entrevista realizada em 13 de agosto de 2012.

ESPÍRITO SANTO, Jocely. Ex-aluna do Colégio Santa Bernadete. Entrevista realizada no pátio do atual Colégio Estadual Santa Bernadete em Amargosa, no dia 08 de outubro de 2012.

PASSOS, Noélia. Professora de 1962 a 1973 e Ex-aluna do Colégio Santa Bernadete. Entrevista realizada na casa da depoente em Amargosa, no dia 02 de julho de 2012.

VIEIRA, Sisínia. Ex-professora do Colégio Santa Bernadete. Entrevista realizada em Amargosa no dia 18 de junho de 2003.

### **FONTES MANUSCRITAS**

Livro de Tombo da Diocese de Amargosa, nº 01. p 30. Amargosa, 1946. O referido livro encontra-se no Arquivo da Cúria Diocesana de Amargosa.

### **FONTES ICONOGRÁFICAS**

Figura 1 – Convite de formatura da turma de 1958. Impressão gráfica. Arquivo particular da ex-aluna Regina Vaz Almeida

Figura 2 –Fotografia da celebração da missa de formatura na capela do Colégio Santa Bernadete, Amargosa 1966. Autor Manoel Círiaco de Oliveira. Arquivo particular da ex-aluna Mariza Helena Lopes Borges.

Figura 3 - Sala de aula do Colégio Santa Bernadete, Amargosa, 1965. Autor Manoel Círiaco de Oliveira. Arquivo particular da ex-aluna Gildeflá Leal Costa.